

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2107

QUARTA FEIRA, 14 DE OUTUBRO DE 1925

Demonstra-se que as verdadeiras feras, os verdadeiros monstros sanguinários são as entidades odiosas que o sr. Trindade Coelho defende

O sr. Trindade Coelho faz das classes conservadoras uma ideia deprimente. Nós, se fôssemos capitalistas, bem instalados na vida, com o nosso negóciosinhos de arroz ou de sabão, com as "vitrines" envernizadas e reluzentes, com a nossa casa tranquila e còmodamente servida por fôrios tapetes—não admittiríamos que o sr. Trindade Coelho especulasse com o nosso amor à causas confortaveis que nos rodeavam e muito nos custariam a perder, para nos forçar a tomar parte activa numa política de meia duzia de espertos votando por eles, sustentando o jornal, que é deles, e elevando-os à categoria de deputados, que a eles só aproveita.

Felizmente, nas classes conservadoras ainda há criaturas esclarecidas que sabem muito bem que o sr. Trindade Coelho, ao pintar a seu modo a triste situação de que ele e os seus cúmplices são culpados, não leva na alma o intuito nobre de apontar ao país o caminho da regeneração e do progresso, mas a mesma ambição mesquinha que o levou a cuidar durante a guerra, numa casa alema, dos interesses sagrados da família...

Aos bêbés ingênuos, cándidos, suggestionáveis fala-se-lhes no pão que anda a rondar lá fora, na noite tempestuosa, para obrigar-lós, por essa cruel coacção moral, a proceder como nós adultos entendemos. Ao pacato burguês, sempre receoso de perder os haveres e a vida, fala o sr. Trindade Coelho na fera insaciável, no monstro sanguinário que, afinal, avulta mais no coração dos homens que têm abusado da candura do povo, transformando-o por vezes numa fera, do que no coração das multidões que têm levado enganadas, sobre os seus

ombros rudes, os cavalheiros da indústria que nos têm governado—como o director do *Seculo XIX* quere convencer o pacato burguês a levar as costas até ao parlamento os Pereiras da Rosa que depois dele se esquecerão. O sr. Trindade Coelho alarmase muito perante a série de atentados violentos que em Portugal se têm produzido contra várias individualidades. Mas o seu alarme corresponde mais a um intuito meramente especulativo do que à nobre intenção de transformar o péssimo ambiente português de forma a impossibilitar esses crimes. Por isso passa, como gato por brasas, sobre as verdadeiras origens desses actos sangrentos para inventar umas vagas responsabilidades de dirigentes que, no seu entender, acossaram a fera adormecida. Qual fera, nem meia ferai! Isso é realmente uma esplêndida invenção para impelir os detentores do poder, as piores feras, as verdadeiras feras, a perseguir, deportar e fazer cair a tiro muitos inocentes e um ou outro tresloucado e impulsivo a quem o espectáculo da bandalheira nacional arrasta aos actos mais condenáveis.

Mas feras, as verdadeiras feras, hoje na República, como ontem na Monarquia, são os homens incompetentes e ambiciosos que, mercê da defeituosa organização social capitalista, alcançam os lugares de predominio onde tripidam. A incompetência dos dirigentes monárquicos, autênticas feras pela tacanhez mental, pela rigidez dos processos governativos, pelo esbanjamento dos dinheiros da nação, e, por outro lado, a feroz campanha republicana feita mais de violência do que de ideias construtivas, mais impregnada de ódios do que de sentimentos altruístas, geraram o regicídio. O rei e o

príncipe, decerto os melhores e os menos culpados—que de condenável não tinham senão a sua situação social privilegiada incompatível com as aspirações da época—pagaram pelas culpas dos que governavam em seu nome.

Mas ainda dessa vez a fera não estava no coração do Buiça e do Costa impelidos pela onda, levados no turbilhão da luta, arrastados na maré das paixões desencadeadas a esse acto brutal que homens inteligentes imprudentemente aplaudiram. A fera estava nos ambiciosos que queriam trepar aos ombros dum povo sedento de justiça; a fera estava nos processos brutais de governação usados pela camarilha monárquica que, instalada à mesa do orçamento, não a queria largar. E talvez da banca do orçamento fizesse caído alguma migalha saborosa que o sr. Trindade Coelho ainda hoje rumine com prazer...

Mais tarde, na república, o ambiente não se modificou e os homens bem instalados na vida e na política que o estabeleceram, quedavam boquiabertos quando braços irmãos dos do Buiça se erguiam inexoráveis e abatiam um do bando. E não compreendendo, como o sr. Trindade Coelho agora finge não compreender, que esses atentados sangrentos, que de quando em vez surgiam a salpicar de sangue o regime e o país, provinham apenas da própria desmoralização e mal estar que elas, os senhores, criavam, apontavam o assassino, clamando:

—Eis a fera!

Porém, a fera é o regime e os homens que o governam. Eles armaram os braços que derrubaram Machado dos Santos, António Granjo, Pedro de Matos e Sidónio Pais. Eles são os verdadeiros assassinos.

Agora vem o sr. Trindade Coelho deturpar a verdade histórica dos factos para apontar ao burguês, como feras, os homens que matando são por vezes vítimas mais inocentes do que os assassinados. E' para os pobres diabos que o sr. Trindade Coelho chama a atenção do pacato burguês que, elegendo amanhã um Pereira da Rosa qualquer, não modificará o regime senão num sentido pior. E' aos pequenos, aos humildes que fornecem a carne para as revoluções mesquinhos, e são heróis, e para a Guiné, passando logo a ser no conceito dos que na véspera lhes chamaram heróis, os bandidos da pior espécie, é para essas tristes consequências dos crimes dos governantes e dos detentores da riqueza inerte em mãos poluidas; é para esses pobres fragmentos sem vontade—que andam ao sabor da vaga desmoronadora da nossa época,—que o sr. Trindade Coelho, culpado e cúmplice dos verdadeiros culpados, chama a atenção alarmada do pafs.

O sr. Trindade Coelho que tanto falou ontem em *crime e fera hedionda* não pretendia atacar as verdadeiras feras, desejava apenas defendê-las. O sr. Trindade Coelho defendeu as feras da alta finança que especula e não trabalha, do comércio que pretende ir ao parlamento para transformá-lo de feira franca que é, em balcão de meia dúzia de magnates, da lavoura que "patrioticamente" deixa de cultivar a terra, do industrial inculto, tacanho, que apenas sabe viver à sombra das pautas alfandegárias e da miséria dos operários. Estas feras que geram os crimes sociais não vê o sr. Trindade Coelho. Estas alimentam-no. Não são feras, são anjos abençoados e protectores...

Um divertimento do Parque Mayer que é bem o vínculo duma civilização decadente

Lisboa é, como convém a uma cidade moderna, um centro de prazer e luxúria. Desde o clube "chic" à taberna ascorso, a capitolina possui um sem número de casas onde o lisboeta se embriaga aos acordes dos *fox-trots* ou aos gemidos das guitarras. Em todos esses anfós onde o vício medra com fúria assustadora e arrasta na sua voragem uma mocidade incivilizada, o lisboeta vê nitidamente o vínculo duma época passada, mas que revive ainda em tódas a sua brutalidade.

A completar o quadro dissoluto, Lisboa possui também o seu Parque Mayer, sumptuoso na sua exteriorização, mas podre no âmago. Ali a vida num rodopiar macabro passa ligeira sem que as suas mazelas possam ver-se, sem que essa onda de pás deixe de salpicar os indiferentes que ali são atraídos pelo som metálico das filarmónicas de três ou vintém, ou pelo convite libidinoso de muito estúrdio...

Sem nos demorarmos exprobando este foco que é o "Baile das Sopérias" há profanas, mulheres e filhas de operários, prostitutas, rufiões, gente reles e repugnante hoje de ferir um que personifica duma maneira clara essa purulenta chaga que para vergonha duma civilização se estendeia com furor e indiscrição.

Referimo-nos ao "Baile das Sopérias", que quás é um extremo daquele parque de miséria e de odor tóidas as noites oferece ao lisboeta um quadro vivo da sua purulência. E' um baile frequentado por grande número de prostitutas registradas e por outras não menos desgraçadas, mas que por felicidade ainda não passaram pelo palácio (sic) da rua Capelo. Até aqui parece que o quadro não oferece à critica um motivo forte para exame. E assim é. O cidadão preservar-se-ia contra esse pântano e as suas fezes não o atingiriam. Mais é que a teia está de tal modo embranchedada que muita gente, não queremos referir-nos à sua categoria, ali é atraída, como o lópia a quem Micas Gouveia tantas vezes arrastou às suas ratoeiras para os desapossar dos haveires.

Com muitas dessas desgraçadas, conhecidas nos registos policiais e que accidentalmente se encontram no desempenho do mister de criadas de servir, vão bastantes raparigas recençegadas da província e na simplória ilusão de que passam uns momentos de recreio no "Baile das Sopérias" vão confundidas na mesma lama. E é ver os seus algozes, que as esperitam nesse "Parque", não mais as largarem. Recorda-nos os termos visto há dias, quando um amigo nos convidou. Têm bem a psicologia de *souteneurs*. A polka, a valsa, a mazurca, os ordinários não os seduzem. Odeiam a música, detestam a dança, só têm um prazer, um prazer sensual que saciam nessas instâncias provincianas que um convite praiano da colega as atraírá à desgraça.

Quando ali estivemos, estonteadas pela luz, pela música, pelas bebidas ingeridas num arremedo de bufete que ali existe, vimos duas raparigas, pouco mais de 15 anos, procurarem fugir aos convites sedutores de outros tantos conquistadores. Na sua impertinência eram ajudados pelas próprias colegas das vítimas, quais proxenetas, que as iludiam com promessas de bem estar e de felicidade. E lá foram as duas moçoilas, Avenida a baixo, com os seus algozes, enquanto as suas colegas de profissão rodopiavam freneticamente no recinto violado da entrevista que é sintomática:

Qual o aspecto moral dos deportados? Não é tão mau como se diz. Segundo ouvi contar a alguns oficiais, elas portam-se bem, que têm conseguido captar uma enorme simpatia entre as pessoas que lidam com elas. A um oficial ouvi eu dizer, em conversa com outro: "Lá na metrópole têm medo de os julgar e querem que a gente carre aí em carrascos!"

O cabo submarino Itália-América

ROMA, 13.—Com a assistência de Mussolini, os representantes da Espanha e das repúblicas sul-americanas hoje inauguraram o cabo submarino que liga a Itália com a América do Sul, com escala por Espanha.

O conto do vigário

E' um facto contestado que o número das pessoas ludibriadas pelo conhecido or-

Numa brillante conferência, ontem realizada, o dr. sr. Orlando Marçal afirmou que a justiça que impende sobre os presos e deportados é mais repugnante e vilipendiosa do que a do tempo da Inquisição

sob o império do arbitrio e da ilegalidade. E' preciso conjugar esforços para que se faça ouvir a voz da Verdade e da Justiça, por essa gente mais surda de espírito do que os ouvidos.

A enorme mole de assistentes ouve em silêncio a voz do conferente, silêncio de angústia, por vezes entrecortado de soluções das famílias dos presos e deportados que assistem.

— Não sou aqui o político—diz o dr. Orlando Marçal—vou falar-vos como pionheiro de ideias de liberdade.

Em voz quente e espaçada, o ilustre caudilho saúda a assistência em que vê amigos elementos da grande família do trabalho, ciosos como ele do respeito das liberdades públicas.

Acetando o convite que lhe dirigiram para tratar em conferência a situação dos chamados "legionários vermelhos", vem cumprir um dever, levantando agora, como já o fez no fórum, a sua voz contra a iniquidade e os deportados julgamento.

Dois julgamentos de operários dos últimos tempos, recorda o de Nunes Canha, cuja honestidade é indiscutível, em cujo julgamento, afirmou que, ante todos os casos, a justiça deve ser apenas uma, igual para todos e não uma justiça para ricos e outra para pobres.

Aprecia o conceito da justiça através das épocas e refere que antes do século XVIII era o arbitrio quem imperava e que só a Revolução Francesa, em 1789, com os enciclopédicos insignes Voltaire, Montesquieu e Rousseau, fez enveredar a justiça pelo caminho da equidade.

Portugal, país essencialmente conservador, ficou alheio a esse progresso até 1820 e só então começaram as lições da grande Revolução. Foi preciso que Bentham, célebre filósofo inglês, propusesse ao governo português de então a codificação da toda a legislação portuguesa. Demonstrando claramente a sua erudição, o orador passa em revista a luta então travada entre conservadores e liberais, luta que terminou pela aceitação dos pontos de vista de Barroso de Freitas contra a pena de morte e dos Lopo Vaz que fez a codificação do sistema penal, terminando com a perpetuidade das penas.

Entre os aplausos da enorme assistência, faz o confronto entre a forma como então se respeitavam os princípios estabelecidos e o desplante com que hoje se calcaram todas as disposições legais.

A Carta Constitucional da monarquia—estabelecia a liberdade de expressão de pensamento, a igualdade ante as leis e outras regras; e a Constituição era respeitada. Hoje, esses direitos, como os demais consignados na Constituição do regime vidente, não são respeitados.

Neste momento nem sequer ao povo é reconhecida a liberdade de defender os mais sãos princípios de emancipação, ao mesmo tempo que se dá largas à propaganda reactionária e ultramontana.

— Há que defendemos os sãos princípios—afirma com calor—e eu ajudarei a defendê-los, ainda que seja na barricada!

(Fartos aplausos).

— Fala-se no problema da ordem. A ordem está connosco; nós somos o trabalho e a vida, somos a verdadeira ordem.

Os outros, os caldeiros dos direitos públicos e das leis, são a desordem, os bolchevistas, segundo o significado que elas dão a este termo.

Em seguida o dr. Orlando Marçal diz que o seu intuito não é agradar às massas, mas cumprir um dever de consciência. Não pode afirmar que esses homens que há 5 longos meses apodrecem nos imundos calabouços e os que se encontram deportados na Guiné estejam todos inocentes. Mas, admitindo a hipótese de que todos tenham delinquido, porque os não apresentam aos tribunais? Estes não satisfazem as exigências da actual justiça? Então dissolvam-nos e procure-se constituir os convenientemente!

— Assim é que se não pode continuar.

A JUSTIÇA DELES...

UM ASSASSINO

POSTO EM LIBERDADE

PELO SR. FERREIRA DO AMARAL!

Isto de assassinar o próximo é um direito que foi conferido à polícia, não pelo chefe de Estado, não pelo ministro do Interior, não por nenhuma disposição legal, mas pela vontade que continua sendo omnipotente do sr. Ferreira do Amaral.

Para que se não diga que isto é inventado, reconhecemos o próprio sr. Ferreira do Amaral.

— O Conselho Prisional mandou soltar o guarda cívico José Ventura, que em legítima defesa matou um legionário vermelho, facto sucedido há dois anos nos Terrenhos. O tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral, verificando que a condenação do dito policial fôr baseada no depoimento de testemunhas falsas, fez a revisão do processo e a ele se deve o "veredictum" daquelle conselho:

— O Conselho Prisional mandou soltar o guarda cívico José Ventura, que em legítima defesa matou um legionário vermelho, facto sucedido há dois anos nos Terrenhos. O tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral, verificando que a condenação do dito policial fôr baseada no depoimento de testemunhas falsas, fez a revisão do processo e a ele se deve o "veredictum" daquelle conselho:

— O Conselho Prisional mandou soltar o guarda cívico José Ventura, que em legítima defesa matou um legionário vermelho, facto sucedido há dois anos nos Terrenhos. O tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral, verificando que a condenação do dito policial fôr baseada no depoimento de testemunhas falsas, fez a revisão do processo e a ele se deve o "veredictum" daquelle conselho:

— O Conselho Prisional mandou soltar o guarda cívico José Ventura, que em legítima defesa matou um legionário vermelho, facto sucedido há dois anos nos Terrenhos. O tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral, verificando que a condenação do dito policial fôr baseada no depoimento de testemunhas falsas, fez a revisão do processo e a ele se deve o "veredictum" daquelle conselho:

— O Conselho Prisional mandou soltar o guarda cívico José Ventura, que em legítima defesa matou um legionário vermelho, facto sucedido há dois anos nos Terrenhos. O tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral, verificando que a condenação do dito policial fôr baseada no depoimento de testemunhas falsas, fez a revisão do processo e a ele se deve o "veredictum" daquelle conselho:

— O Conselho Prisional mandou soltar o guarda cívico José Ventura, que em legítima defesa matou um legionário vermelho, facto sucedido há dois anos nos Terrenhos. O tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral, verificando que a condenação do dito policial fôr baseada no depoimento de testemunhas falsas, fez a revisão do processo e a ele se deve o "veredictum" daquelle conselho:

— O Conselho Prisional mandou soltar o guarda cívico José Ventura, que em legítima defesa matou um legionário vermelho, facto sucedido há dois anos nos Terrenhos. O tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral, verificando que a condenação do dito policial fôr baseada no depoimento de testemunhas falsas, fez a revisão do processo e a ele se deve o "veredictum" daquelle conselho:

— O Conselho Prisional mandou soltar o guarda cívico José Ventura, que em legítima defesa matou um legionário vermelho, facto sucedido há dois anos nos Terrenhos. O tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral, verificando que a condenação do dito policial fôr baseada no depoimento de testemunhas falsas, fez a revisão do processo e a ele se deve o "veredictum" daquelle conselho:

— O Conselho Prisional mandou soltar o guarda cívico José Ventura, que em legítima defesa matou um legionário vermelho, facto sucedido há dois anos nos Terrenhos. O tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral, verificando que a condenação do dito policial fôr baseada no depoimento de testemunhas falsas, fez a revisão do processo e a ele se deve o "veredictum" daquelle conselho:

— O Conselho Prisional mandou soltar o guarda cívico José Ventura, que em legítima defesa matou um legionário vermelho, facto sucedido há dois anos nos Terrenhos. O tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral, verificando que a condenação do dito policial fôr baseada no depoimento de testemunhas falsas, fez a revisão do processo e a ele se deve o "veredictum" daquelle conselho:

CARTA DO PORTO

Os "súcios" da Casa do Povo invocam o seu "alcorão" para impedir o comício de protesto contra o assalto da polícia à sede da C. G. T.

Os comentários acerca do incidente ocorrido na Casa do Povo ainda não cessaram. Avolumaram-se, até, um pouco, a propósito da *Conveniente explicação* que a dita Casa do Povo publicou nos jornais de domingo.

Segundo a nota oficiosa tornada pública pela C. P., esta instituição comercial-industrialista tem razão.

Não faz sentido que organismos operários se queiram aproveitar de um edifício de exploração mercantilista para efectuar reuniões contra a burguesia, contra o Estado, contra a polícia que assaltou a C. G. T. e *A Batalha*.

A Batalha não faz propaganda do acto eleitoral; a C. G. T. persiste em não enveredar pelo politiquismo seguido pelo "diretório" da C. do P.

Sendo assim, o Sindicato Único Metalúrgico, infeliz inquilino da C. do P., nada tinha de comum acôrdo com a U. S. O., realizar um comício de protesto contra a polícia de Lisboa numa sala em que paga de aluguer algumas dezenas de escudos.

Se analisarmos, contudo, o n.º 4.º da *Conveniente explicação* que a C. do P. publicou, chegarímos ao convencimento de que toda a questão girou à volta do dinheiro. Ou a Casa do Povo não fosse uma empresa comercial, industrial, prestamista e... senhorial.

Senão vejamos:

"4.º — Que bem sabe também a mesma (o U. S. O. Metalúrgico) que existe uma tabela de preços de aluguer do salão, porquanto ali se têm realizado reuniões, com a aquisição dos metalúrgicos, tendo pago a quantia que se lhes há fixado..."

Quer dizer: o Sindicato Metalúrgico paga o salão, mas isso não quer dizer que a C. do P. não tenha todo o direito de traficar com ele...

O Sindicato Metalúrgico é que não pode, dentro dum salão que paga, meter quem quiser para, de comum acôrdo (e estava neste caso o comício de sexta-feira), efectivar um acto qualquer que não desonre a organização operária nem a própria C. do P...

E tanto isto é assim, que o n.º 2.º da *Conveniente explicação* responde:

"2.º — Que o regulamento interno que é conhecido de ambas as partes diz no seu n.º 8.º:

"Sem prévia autorização da direcção (da C. do P.) não poderão reunir-se no edifício da Casa do Povo colectividades que dentro dela não tenham instaladas as suas sedes."

Como Casa do Povo, é o senhorio mais extravagante que conhecemos.

Imaginem que incentivo não constitui isto: Amanhã um outro senhorio "particular" e não socialista lembra-se de nos exigir ao alugar uma casa: "Você paga X de aluguer. Contudo, fica expressamente proibido de reñir, sem minha autorização, qualquer pessoa ou pessoas dentro da sala que lhe alugo... a não ser mediante uma indemnização que lhe estipular..."

Por esta teoria, verdadeiramente inédita, nem mesmo qualquer pessoa de família podia lá entrar...

E, só da C. do Povo. O Sindicato Único Metalúrgico tem o dever de pagar a renda, mas nada de, sem prévia autorização e mediante o pagamento da quantia que lhe for fixada, meter dentro do seu salão alugado do 2.º andar, pessoas da família sindical—o operariado organizado de outras classes que, mesmo a convite do próprio S. U. M., queira lá ir protestar contra uma monstruosidade policial...

E' preciso, porém, que se saiba que um regulamento, ou por outra: um contrato de arrendamento tão vexatório não foi exigido à Assembleia Comercial, que está instalada no salão da 1.ª andar da C. do P., que a Assembleia Comercial é coisa mais rica, mais "chic" e não ajudou, como o Sindicato Único Metalúrgico, a construir o edifício, contribuindo com os seus mil e tantos escudos. A Assembleia Comercial não é uma colectividade sindicalista, mas uma instituição de pagode, de divertimento...

No n.º 3.º da *Conveniente explicação* também: "... a Associação Metalúrgica sabe bem (têm medo de chamar Sindicato), também por disposições do dito regulamento e por lembrança da C. do P., em ofício de 22 de Dezembro de 1924, que mesmo para as suas reuniões, tem de participar na secretaria da C. P. com antecedência, para evitar que mais dumas colectividades se juntem inesperadamente a reunião no mesmo dia e à mesma hora.

Na sexta-feira finda não havia semelhante coincidência. O que havia era um comício de protesto contra a polícia de Lisboa por ter, bestialmente, feito um assalto a C. G. T.—comício, aliás, convocado pelo S. U. M. e U. S. O. de estreita harmonia, de colaboração solidária.

Coincidência de no mesmo dia e à mesma hora quase se reúnem duas colectividades inesperadamente, deu-se há tempos, quando as fórcas vivas preparavam um movimento reacionário.

Quando os metalúrgicos pretendiam reuniir no salão que pagam, elê estavam ocupado por uma assembleia de comerciantes da especialidade de cal e drogas inerentes—os quais tiveram de evacuar a sala e reuniir noutra parte do edifício, para a "inquilina" poder realizar a sua sessão...

Para isto não olham os socialistas da C. do P.

Não importa que elê diminuam ao número de manifestantes, passando-o de 500 para 50. O que é engraçado, é que elê falam de "abusos", cometendo o abuso de tirar, sem licença, a mobília da presidência das assembleias dos metalúrgicos para sitios que elê as entendem...

Oh! os empresários da Casa do Povo...

C. V. S.

Os auto-taxis

Duma conferência havida ontem entre a direcção da Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs e os srs. director geral e chefe da Exploração dos Caminhos de Ferro Portugueses ficou estabelecido que, na entrada superior da estação do Rossio, estacionem auto-taxis daquela Cooperativa a fim de servirem os passageiros de todos os combóios que cheguem àquela estação. Ficou também assente que, logo que cheguem os 19 novos "taxis", que já vêm a caminho, seja estabelecido um serviço combinado entre as duas entidades.

O problema da emigração resolve-se melhorando as condições de trabalho em Portugal

A emigração de trabalhadores portugueses para o estrangeiro, principalmente para o Brasil, é um velho problema que nunca mereceu dos governantes a atenção requerida.

Hoje está mais agravado do que nunca. O *Diário da Tarde* de ontem lançava o alarme tinha razão. Actualmente, devido à crise de trabalho que não encontrou ainda nos poderes públicos a menor parcela de atenção, o problema da emigração assumiu aspectos pavorosos. Só não foge de Portugal quem já não possui um céu que lhe garanta a passagem para a América.

As péssimas condições de vida do trabalhador neste país são a causa primordial desta debandada, a que os governos assistem sem remorsos e de braços cruzados.

Prosseguindo na sua obra de propaganda e de cultura operária, foi resolvido que *A Batalha* iniciasse imediatamente a publicação de um almanaque social e operário.

Devido a essa resolução, podemos anunciar hoje o aparecimento para breve do *Almanaque de A Batalha para 1926*.

Este género de publicação é um bom elemento de propaganda. Dele se têm servido o comércio, os partidos políticos e, lá fora, o operariado.

Dos almaniques revolucionários podemos de memória citar: *Sempre!* do nosso colega italiano *Guerra di Classe*; *Almanaque de Tierra y Libertad*, coligido por Anselmo Lourenço; *Almanack do Travailleur*, edição de *La Voix du Peuple*; *Almanaque da Revolucion*, coligido por Paul Delaselle; *Almanacco della Rivoluzione*, editado pelo grupo *La Propaganda* composto por camaradas italianos residentes em São Paulo (Brasil).

Dos almaniques revolucionários podemos de memória citar: *Sempre!* do nosso colega italiano *Guerra di Classe*; *Almanaque de Tierra y Libertad*, coligido por Anselmo Lourenço; *Almanack do Travailleur*, edição de *La Voix du Peuple*; *Almanaque da Revolucion*, coligido por Paul Delaselle; *Almanacco della Rivoluzione*, editado pelo grupo *La Propaganda* composto por camaradas italianos residentes em São Paulo (Brasil).

As péssimas condições de vida do trabalhador neste país são a causa primordial desta debandada, a que os governos assistem sem remorsos e de braços cruzados.

Foi em todos os bairros de Florêncio, que a devastação se exerceu sábado passado e é impossível enumerar todos os estabelecimentos que foram assaltados, bem como o número de feridos existentes.

Mesmo no centro da cidade, foram assaltados a maior parte dos armazéns da Via Cerretani e uma enorme quantidade de mercadorias foram roubadas pelos furtadores.

Não longe dali, um armazém de amber e um outro de sedarias, uma sapataria e mais de trinta casas foram completamente saqueadas.

Os camisas negras atacaram sobretudo os cartórios dos advogados que eles supunham fracos maiores ou membros da oposição.

Os escritórios dos advogados liberais, Corazzini e Campodonico e hem assim os dois democratas Citi e Bosi ficaram completamente destruídos.

No número das numerosas habitações particulares que foram invadidas pelos bandidos armados, notamos as do dr. Rozzi, de Targetti, advogado conhecido e deputado socialista, a de Baldesi, deputado e membro da C. G. T. italiana.

Quando os fascistas penetraram no domicílio deste último, a sua mulher e os seus filhos encontravam-se sós. No entanto os fascistas destruíram tudo antes de se retirarem.

Os camisas negras, segundo dizem os jornais ingleses, forcaram o pessoal dos teatros a suspender a representação.

Na cidade de Pergola, como alguns ingleses protestassem, também foram agredidos.

De então para cá nenhum tentativa desse género surgiu. Torna-a agora *A Batalha* em condições que, a não faltar-lhe o favor do operariado lutador, permitir-lhe-há vida longa e uma apresentação que excederá o melhor que no género tem aparecido entre nós e até mesmo no estrangeiro.

Não é lícito exigir que o *Almanaque de A Batalha para 1926* se apresente completo e perfeito. Além de ser o 1.º ano da sua publicação, o camarada que o vai coligir—ou melhor, que o está coligindo—dispõe de um mês apenas para a sua coordenação. A-pesar-dessa circunstância, estamos certos que o *Almanaque de A Batalha para 1926* satisfará plenamente quer pela sua apresentação gráfica, quer pelo interesse e utilidade da sua colaboração.

Apressem-nos a dar a notícia do próximo aparecimento do *Almanaque de A Batalha* pretendemos avisar os leitores para que se abstendam da compra de qualquer outro almanaque, pois o de *A Batalha*, posto à venda em Dezembro, substitui plenamente, e com vantagem para os operários e os sindicatos, qualquer outra publicação do mesmo género.

O Instituto Feminino de Etnologia e Trabalho inaugura o novo ano lectivo com uma sessão solene, que se realizará pelas 15 horas, com a assistência do chefe de Estado e ministro da guerra. Igual acto se efectuará no Instituto dos Pupilos do Exército, no próximo sábado, também pelas 15 horas e com a mesma assistência.

O Instituto Feminino de Etnologia e Trabalho inaugura o novo ano lectivo com uma sessão solene, que se realizará pelas 15 horas, com a assistência do chefe de Estado e ministro da guerra. Igual acto se efectuará no Instituto dos Pupilos do Exército, no próximo sábado, também pelas 15 horas e com a mesma assistência.

A fóbia oficial de hoje deve publicar a lista da distribuição das escolas moveis que devem funcionar no actual ano lectivo: com a nomeação dos respectivos professores.

Os dirigentes da Federação Marítima

Um protesto

A Associação dos Maquinistas Fluviais, ontem reunida em assembleia, protestou contra o facto de Francisco Luís Verissimo

continuar como seu delegado dentro da Federação Marítima e dar entrevistas ao órgão das "fórcas vivas" depois da sua classe lhe ter retirado toda a confiança e se ter desfederado por esse pseudo-organismo não ser o expoente da vontade das classes marítimas.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Nas classes do mobiliário

E' amanhã que se realiza a grande assembleia magna de todos os operários do mobiliário para apreciar a ameaça da baixa de salários e resolver a forma de a impedir. O sindicato faz hoje distribuir um vibrante manifesto, convidando a classe a comparecer na sua máxima força.

Operários da Construção Civil

Uma comissão composta de delegados do S. U. da Construção Civil, Federação e Bóla de Trabalho entrevistaram anteontem o sr. Mira Feio, secretário geral do Ministério do Trabalho, sobre a reabertura dos trabalhos das Encomendas Postais da Maternidade, dizendo que sobre o primeiro trabalho já se tinha nomeado uma comissão para rever o projecto da obra, assim como se ia nomear uma comissão autónoma para que assim que a primeira tenha o projecto revisado ela possa dar logo andamento aos trabalhos.

Sobre as obras da Maternidade disse que o ministro já tinha chamado ao Ministério o dr. Monjardino, mas que este se encontrava em gôs de licença portanto só depois de ocupar o seu lugar é que se poderá resolver.

Como o dr. Monjardino se encontra

amanhã em Lisboa, os delegados irão procurá-lo para tratarem com ele do assunto.

Os auto-taxis

Duma conferência havida ontem entre a direcção da Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs e os srs. director geral e chefe da Exploração dos Caminhos de Ferro Portugueses ficou estabelecido que, na entrada superior da estação do Rossio, estacionem auto-taxis daquela Cooperativa a fim de servirem os passageiros de todos os combóios que cheguem àquela estação. Ficou também assente que, logo que cheguem os 19 novos "taxis", que já vêm a caminho, seja estabelecido um serviço combinado entre as duas entidades.

A Batalha vende-se em todas as tabacarias

Todo o operário tem o dever de possuir este livro.

A educação moral da criança na família

Por Benoit Bouche—Tradução de Emilio Costa.—Livro premiado em concurso na Belgica, *Premio da sua importância social*.—Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores e enovos devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças.—Preço 5\$00, pelo cor. 5\$50.

Na livraria Renascença, de J. Cardoso, r. Poais de S. Bento, 27-29—lisboa

Aos leitores de «A Batalha»

UMA BOA NOTICIA

Temos hoje a dar aos nossos leitores, amigos e camaradas uma notícia que, esperamos, será recebida por todos com satisfação e entusiasmo.

Prosseguindo na sua obra de propaganda e de cultura operária, foi resolvido que *A Batalha* iniciasse imediatamente a publicação de um almanaque social e operário.

Devido a essa resolução, podemos anunciar hoje o aparecimento para breve do *Almanaque de A Batalha para 1926*.

Este género de publicação é um bom elemento de propaganda. Dele se têm servido o comércio, os partidos políticos e, lá fora, o operariado.

Dos almaniques revolucionários podemos de memória citar: *Sempre!* do nosso colega italiano *Guerra di Classe*; *Almanaque de Tierra y Libertad*, coligido por Anselmo Lourenço; *Almanack do Travailleur*, edição de *La Voix du Peuple*; *Almanaque da Revolucion*, coligido por Paul Delaselle; *Almanacco della Rivoluzione*, editado pelo grupo *La Propaganda* composto por camaradas italianos residentes em São Paulo (Brasil).

As péssimas condições de vida do trabalhador neste país são a causa primordial desta debandada, a que os governos assistem sem remorsos e de braços cruzados.

Foi em todos os bairros de Florêncio, que a devastação se exerceu sábado passado e é impossível enumerar todos os estabelecimentos que foram assaltados, bem como o número de feridos existentes.

Mesmo no centro da cidade, foram assaltados a maior parte dos armazéns da Via Cerretani e uma enorme quantidade de mercadorias foram roubadas pelos furtadores.

Não longe dali, um armazém de amber e um outro de sedarias, uma sapataria e mais de trinta casas foram completamente saqueadas.

Os camisas negras atacaram sobretudo os cartórios dos advogados que eles supunham fracos maiores ou membros da oposição.

Os escritórios dos advogados liberais, Corazzini e Campodonico e hem assim os dois democratas Citi e Bosi ficaram completamente destruídos.

No número das numerosas habitações particulares que foram invadidas pelos bandidos armados, notamos as do dr. Rozzi, de Targetti, advogado conhecido e deputado socialista,

A PROPÓSITO DOS HOSPITAIS

O auxílio prestado pelo Estado aos hospitais do país tem sido simplesmente negativo

Quem quere auxiliar a actual situação dos Hospitais? Com este título vinha na 8.ª página do *Diário de Lisboa* de sexta-feira p. p. a notícia de que eminentes clínicos, cheios de boa vontade, procuravam conseguir melhorar a desoladora situação dos hospitais.

Essa situação é, a meu ver, não só desoladora, mas horrifica, terrível e... (porque não o hei de dizer?) repugnante! Todos os adjetivos que a língua portuguesa me permitia aplicar-lhe, não serão suficientes.

Diz o *Diário de Lisboa* que o governo já muito se tem feito sentir o seu auxílio!

Não me move qualquer intenção de tolher os passos àquelas que procuram beneficiar os serviços dos nossos hospitais.

Longe de mim tal ideia.

Mas a afirmação de que o auxílio do Estado já muito se tem feito sentir dá-me a vontade de rir, se não me desse náuseas.

Poucas palavras e vamos a provas. Só um exemplo, para provar os leitores de *A Batalha* o que tem sido o «benemérito» auxílio do Estado!

A Misericórdia do Pôrto, como todos sabem, é o modelo-base das Misericórdias portuguesas e brasileiras. Em tempos a sua organização era tão completa que vivia desafogadamente, enriquecendo-se dia a dia.

Um dia um governo, uns desses governos «inteligentes» e «honestos» que têm passado pelo poleiro, determinou que as Misericórdias não podiam possuir propriedades rústicas, nem urbanas e que, pelo contrário, teriam que as vender e empregar o produto da venda em papéis do Estado.

E claro—bem claro mesmo—a costumada honestidade! Grande receita—impingir palavras—receber dinheiro!

Forças, as Misericórdias assim tiveram que fazer. Receberam papel... e agora, quando os deserdados desta sociedade moribunda podiam e deviam gosar o relativo bem estar que os dons e a iniciativa particular lhes pridiçavam, não podem ser recebidos por falta de fundos.

Conheci um desgraçado sem família, sem recursos, doente, que desejava entrar para o hospital. Nôo o quizeram receber!

A doença embora não fosse de morte, tornou-se crônica. Daí adveiu a incapacidade para o trabalho. Como consequência a mendicidade.

Um mendigo não pode sê-lo por lei!

Mas uns dia organizaram-se uns festejos de luxo porque chegava um Dom qualquer coisa dum desses governos que nos andam explorando. Castanha se então umas compridas centenas de foguetes, foguetinhos e foguetes, mísulas, palhaçadas vergonhosas e o mendigo, a quem a lei proíbe a existência, é preso imediatamente com outros e levado para o asilo. Oito dias mais tarde o desgraçado vê-se de novo a pedir nas ruas... E que o asilo, foi a cadeia. Uma enxovia feita ainda pelos Filipes; e lá, nesse belo asilo, nessa casa protectora do indigente, nesse estabelecimento pelo qual o Estado já muito tem feito sentir o seu auxílio, depois de lhe darem pôr borenco, amassado com qualquer coisa parecida com tijolo, piolhos e uma lage por cima, despediram-no muito delicadamente, porque mesmo assim a coisa saia cara.

Fez-se uma comédia durante oito dias, porque algumas personagens políticas tinham chegado à cidade e porque era necessário demonstrar que ali não havia mendicidade e que o «auxílio» prestado pelo Estado para alguma coisa servia.

Sófios os presos pelo grave delito de serem aquilo que o Estado ocasionou desfalcando um tesouro sagrado, élles diço que não tornem a fazer outra, que aquilo

tinha sido para que elas se emendassem e não poderem trabalhar.

E assim que no Pôrto os hospitais sentem a «proteção» do governo e é assim que se passa em todo o país.

Poderia citar inúmeros exemplos de casos ocorridos nos hospitais de Lisboa.

Mas, basta!

Este teve por fim simplesmente pôr de sobre avale aqueles que julgarem que na verdade o Estado auxilia «de maneira sensível» qualquer obra de caridade.

No entanto bem haja aqueles que tentam modificar a tenebrosa situação dos nossos hospitais, únicamente causada pelo abandono a que os serviços têm sido votados pelos governantes.

Para elas vai a minha simpatia.

Francisco Maria PALHOTO

Vai criar-se o Hospital Municipal de Oeiras

OEIRAS, 9.—Na Câmara Municipal reúzese ontem uma importante reunião para tratar da organização, instalação e manutenção dum hospital neste concelho e na qual tomaram parte representantes de todas as colectividades daí. Foi nomeada uma comissão que ficou composta por vereadores e delegados de várias colectividades, incluindo o Sindicato da Construção Civil. Esta comissão divide-se em sub-comissão executiva e sub-comissão por freguesias e verões.

CINEMAS
Olimpia—Chão Terrasse—Salão Central—Cinema Condes—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Promotora de Educação Popular—Cine Paris—Cine Esperança—Chanteler—Tivoli—Tortoise.

ESPECTÁCULOS
TEATROS
Politeama—A's 21,30—O Leão da Estrela.
Ipelo—A's 21,15—O Saltimpresso
Mário Vitorino—A's 20,30 e 22,30 —Rataplan.
Coliseu—A's 21—Companhia de circo.
Salão São Joaquim—Anatomógrafo e Variedades.
Juvenal—A's 21,30—Irmãos e A Cládia.
Oll Vicente (A Graça)—A's 20—Anatomógrafo.
Experião Parque—Todos as noites—Concertos e diversões.

Frei Sangue 500
Eça de Queiroz 18000
O crime do Padre Amaro 16000
O primo Basílio 8000
O Mandarim 22000
Os Maias (2 vol.) 15000
A Relíquia 12000
A Cidade e as Serras 9000
Fradique Mendes 15000
Casa Ramires 15000
Prosas Barbaras 9000
Ecos de Paris 9000
Cartas Familiares 9000
Cartas de Inglaterra 9000
Minas de Salomão 9000
Notas Contemporâneas 15000
Últimas páginas 15000
Ernesto Haeckel 20000
História da Criação 4500
Origem do Homem 14000
Os enigmas do universo 3500
Monismo 4000
Religião e evolução 5000
Faquet 5000
Iniciação filosófica 10000
Iniciação literária 5000
Faria de Vasconcelos 5000
Problemas escolares 5000
Por terras do além mar 2500
Ferreira de Castro—Sangue Negro 8000
F. Castro e E. Frias—A Bóca da Esfinge 8000
Flammarion 5000
Iniciação astronómica 5000
Contos 5000
A Esquina 9000
Aves Migradoras 9000
Barbear, Pentear 9000
Cidade do Vício 9000
Pasquinador 10000
País das Uvas 9000
Saibam quantos 9500
Vida irónica 9000
Guerra Junqueiro 10000
A morte de João 9000
Musa em férias 7000
Os Simples 7000
A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo) 13000
Brochado 9000
Gorki 5000
Os Degenerados 5000
Os vagabundos 5000
Na Prisão 2500
Jaime Cortezão, Adão e Eva (teatro) 5000
Jorge Teixeira — Gatunos de Luva Branca — A Escorbalha (peças de teatro) 2500
Julião Quintinha 8500
Visinhas do Mar 8500
Cavalgada do S. nho 8500
Terras de Fogo 8500
Plasant — Iniciação matemática 5500
Naïvert — Ciência e Religião 10500
Oliveira Martins 15000
Helenismo e a Civilização Cristã 15000
História da Civilização Ibérica 15000
História da República Romana (2 volumes) 30500
História de Portugal (2 vol.) 30500

Comissão de Beneficência da Freguesia de Santa Catarina

SEDE no extinto Convento dos Paulistas

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

AVISO

Convoco a assembleia geral para apresentação e discussão do relatório e contas da gerência do ano económico de 1924 e 1925.

1.º Convocação no dia 18 de Outubro às 13 horas.

2.º Convocação no dia 25 de Outubro às 13 horas.

Lisboa 17 de Outubro de 1925. — O Presidente,

(a) Henrique Afonso Pires.

Pedidos à administração de *A Batalha*.

DR. ARMANDO NARCISO
Médico do Hospital de Santa Marta
CLÍNICA MÉDICA
Consultório—Travessa Nova de S. Domingos,
9 (à Rua do Amparo).
Residência—Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Luciano Cordeiro)

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice),

20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de *A Batalha*.

14-10-1925

OS MISTERIOS DO POVO

!! SENHORAS !!

Garantia absoluta contra as perturbações que a gravidez possa causar

Usai os "Ovules Sterelisatrices" Z. O. L.

Enviam-se instruções pelo correio em carta fechada

A venda no depositário geral para Portugal e Colónias—Fernando da Silva, 188, Rua da Madalena, 190, e na Farmácia Mendes Braga, 133, Rua do Mundo, 135; Farmácia Portugal, Rua Augusta, 218, e no Pôrto: Farmácia Central de Salgado Lencart, Rua 31 de Janeiro, 202.

bate contra a Donzela poderia ter sobre a fôrça moral das suas tropas, já um tanto abalada pelas maravilhosas narrações de que ela era objecto, queriam vê-la a todo o custo, e não queriam travar a batalha senão em tais condições, e quando tivessem a certeza de triunfar; dai a sua inéria na ocasião da passagem do comboio, que entrou em Orleans sem disparar um tiro, com grande surpresa dos habitantes e dos milicianos, fanaticados com este primeiro triunfo da Donzela. Querendo tirar partido do entusiasmo déles, ela propunha-se a partir no mesmo instante, a fim de ir atacar a bastilha de Saint-Loup; os capitães observaram-lhe que os seus homens tinham necessidade de comer, mas que ela seria prevenida da hora do assalto. Ela conformou-se com as suas razões, voltou a casa de Tiago Boucher, comeu, segundo o seu costume, um pouco de pão molhado em vinho e água, mandou desapertar a couraça, atirou consigo à cama, meia armada, a-fim-de descansar, enquanto não chegava o momento do assalto, e adormeceu; com a imaginação impressionada com os acontecimentos do dia, bem depressa começou a sonhar que as tropas marchavam sem ela para o inimigo. A penosa impressão produzida por este sonho acordou-a, o ruído surdo de algumas detonações longínquas de artilharia fe-la pular em cima da cama; o seu sonho não a enganava, começava-se o ataque do reduto. O senhor de Gaucourt, ocultando a Joana a hora do assalto, a fim de impedir que ela se achasse, esperava por este meio perdê-la no espírito dos soldados; a sua ausência no momento do perigo podia atribuir-se à falta de coragem; Gaucourt, colocado à porta de Borgonha à frente das companhias de reserva, viu, pois, com não menos surpresa do que colera, chegar Joana a tôda a brida, vestida com a sua armadura branca e com o seu estandarte branco na mão. Ela passou por diante do traidor como uma visão, e desapareceu bem depressa aos seus olhos numa nuvem de poeira levantada pelo galope do seu cavalo, que ela impelia a tôda abrindo pela estrada de Sologne, ouvindo, com desespero as detonações da artilharia tornaram-se cada vez mais frequentes; à medida que ela se aproximava do lugar do combate, os gritos dos soldados, o choque das armas, os formidáveis rumores da batalha chegam distintamente aos ouvidos da guerreira. Finalmente, ela avista a bastilha de Saint-Loup que cortava a estrada de Sologne dominando a margem do Loire, e levava

pressa ajudar-me a pôr a couraça, Ai de mim! Que tempo perdi.

A esta chamada, Madalena e sua mãe sobem precipitadamente para junto de Joana. Ela arma-se completamente, desce para a rua, e lança-se em cima do cavalo; mas notando que tinha esquecido a sua bandeira ao pé da cama, onde a punha sempre, disse a Imergut;

Depressa, o meu estandarte! Ide buscá-lo ao meu quarto; dar-mo-heis pela janela a fim de perder menos tempo.

O pagem deu-se pressa a obedecer, enquanto Madalena e sua mãe dirigiam à Donzela os adeuses mais pungentes. Ela levanta-se nos estribos, recebe das mãos de Imergut o estandarte, que ele lhe entrega através da janela do primeiro andar; depois, enterrando as esporas no ventre do cavalo, a guerreira faz com a mão um sinal afectuoso a Madalena e parte com uma tal rapidez que as pedras da calçada deixam faiscas debaixo das ferraduras do seu cavalo.

O senhor de Gaucourt, ocultando a Joana a hora

do assalto,

a fim de impedir que ela se achasse,

esperava por este meio perdê-la no espírito dos soldados;

a sua ausência no momento do perigo podia atribuir-

-se à falta de coragem;

Gaucourt, colocado à porta de

Borgonha à frente das companhias de reserva, viu,

pois, com não menos surpresa do que colera, chegar Joana a tôda a brida, vestida com a sua armadura branca e

e com o seu estandarte branco na mão.

Ela passou por

diante do traidor como uma visão,

e desapareceu bem

depressa aos seus olhos numa nuvem de poeira levantada pelo galope do seu cavalo, que ela impelia a tôda abrindo pela estrada de Sologne, ouvindo, com desespero as detonações da artilharia tornaram-se cada vez mais

frequentes;

à medida que ela se aproximava do lugar

do combate, os gritos dos soldados, o choque das ar-

mas, os formidáveis rumores da batalha chegam dis-

tintamente aos ouvidos da guerreira.

Finalmente, ela

avista a bastilha de Saint-Loup que cortava a estrada

de Sologne dominando a margem do Loire, e levava

pressa ajudar-me a pôr a couraça, Ai de mim! Que tempo perdi.

A esta chamada, Madalena e sua mãe sobem

precipitadamente para junto de Joana. Ela arma-se

completamente, desce para a rua, e lança-se em cima

do cavalo; mas notando que tinha esquecido a sua

bandeira ao pé da cama, onde a punha sempre,

disse a Imergut;

Depressa, o meu estandarte! Ide buscá-lo ao meu

quarto; dar-mo-heis pela janela a fim de perder

</div

